



## O comunista do jornal Estado de Minas.

Lucas Barcelos de Assunção Coelho<sup>1</sup>

### RESUMO

Esse trabalho busca entender a relação do jornal Estado de Minas com o cronista Roberto Drummond, a partir do conceito de “acomodação”<sup>2</sup>, durante a ditadura civil-militar brasileira. Para isso, a partir de fontes do próprio impresso, analisei como um impresso que apoiou a golpe de Estado no Brasil de 1964, deu suporte à ditadura até o início da década de 1980 tinha em seu quadro de funcionários um conhecido comunista, lançando mão da ideia de acomodação como parte da cultura política brasileira. Por meio de uma introdução do periódico mineiro, fica clara a associação com os governos conservadores e posteriormente golpistas em 1964, além do apoio aos ditadores. Roberto Drummond entra como “elemento comunista” justamente por ser contratado pelo jornal em um período ainda autoritário, escrevendo crônicas esportivas que atacam a direção política da seleção brasileira, mas não diretamente os ditadores. Por fim, conclui-se que os dois lados desse jogo abrem mão de posições pelos possíveis benefícios da associação.

**Palavras-Chave:** Ditadura, Acomodação, jornal Estado de Minas, Roberto Drummond.

### The Estado de Minas newspaper's communist

### ABSTRACT

This article seeks to understand the relationship between the newspaper Estado de Minas and the chronicler Roberto Drummond, based on the concept of “accommodation”, during the Brazilian civil-military dictatorship. For this, from sources of the newspaper, I analyzed how a journal that supported the 1964 Brazilian coup d'état, supported the dictatorship until the early 1980s, had a well-known communist in its staff, using the idea of accommodation as part of the Brazilian political culture. Through an introduction to the Estado de Minas newspaper, the association with conservative and later coup governments in 1964 is clear, in addition to support for dictators. Roberto Drummond enters as a “communist elemento” precisely because he was hired in na authoritarian period, writing sports chronicles that attack the political management of the Brazilian team, but not directly the dictators. Finally, it is concluded that the two sides of this game give up positions for the possible benefits of the association.

**Keywords:** Dictatorship, Accommodation, Estado de Minas newspaper, Roberto Drummond.

---

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São João del-Rei na linha de pesquisa Poder e Relações Sociais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0225619673046023>. E-mail: LBarcelosc@gmail.com

<sup>2</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Cultura política e ditadura: um debate teórico e historiográfico**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v.10, n.23, p.109-137, jan./mar. 2018.



## 1 A ACOMODAÇÃO NA DITADURA

A ditadura civil-militar brasileira é um tópico sensível, tendo como um dos motivos a negociação para o retorno à democracia, com papel relevante dos próprios militares no processo de redemocratização, – diferente de outros países sul-americanos, como a Argentina, que teve o fim do período ditatorial marcado por um colapso após a fracassada campanha na Guerra das Malvinas.<sup>3</sup>

O tratamento desse período como objeto de estudos de historiadores e historiadoras ganha traços peculiares, enquanto assistimos ao aumento da participação de militares - e da discussão sobre a ditadura -, da ativa ou reformados, no poder executivo da atual Presidência da República. Segundo dados levantados pelo Tribunal de Contas da União (TCU)<sup>4</sup>, Jair Bolsonaro mais que dobrou o número de militares em cargos civis até o ano de 2020, passando de já preocupantes 2.765 no período de Michel Temer, para absurdos 6.147. Desses, oito ocupam cargos de ministros, dos 22 ministérios existentes.

Nesse trabalho, a partir da ideia de “conciliação/acomodaçã”, mais frequentes e viáveis no Brasil, apresentada por Patto (2018) como uma das principais características da “cultura política” brasileira, - aspecto importante para entender as diferenças entre a ditadura brasileira para outras da cone-sul, como a chilena, argentina e uruguaia -, analisei algumas crônicas esportivas de Roberto Drummond escritas no jornal Estado de Minas durante o ano de 1978, buscando enquadrar a relação do jornal com o escritor na ideia de acomodação.

Como aponta Patto (2018), um ponto importante da acomodação “é que ela envolve dois campos, ou dois lados, em um jogo de concessão mútuas. Para o jogo funcionar há que existir uma via de mão dupla (...)”. Aqui entra o lado empresa do Estado de Minas. O jornal que apoiou o golpe, e seguiu dando suporte à ditadura mesmo quando envolvia um dos seus - Pedro Aleixo - pelo menos até o início da década de 1980<sup>5</sup>, empregou um declarado e já conhecido do DOPS-MG<sup>6</sup> como “elemento comunista”, Roberto Drummond, ainda na década de 1960.

<sup>3</sup> ROMERO, Luis Alberto. **Breve historia contemporánea de la argentina**. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2012.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/07/17/governo-bolsonaro-tem-6157-militares-em-cargos-civis-diz-tcu.ghtml>

<sup>5</sup> AMARAL, Laio; RODRIGUES, Hila. **Jornalismo político e enquadramento: uma análise da cobertura da ditadura militar pelo jornal Estado de Minas**. Intercom, XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Ouro Preto – MG, 2012.

<sup>6</sup> Carta endereçada à Alberto de Sales Fonseca Júnior, chefe do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) da Secretaria da Segurança Pública do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 24 de novembro de 1961.



“O Estado de Minas era minha casa, eu não tinha problemas no Estado de Minas”, disse Drummond em 1999. Outra fala do cronista é sobre sua popularidade. Na mesma entrevista, ele diz que se “O Estado de Minas tinha 80 de ibope eu tinha 80 de Ibope”<sup>7</sup>. Entendendo que o autor tinha um público cativo para suas crônicas, o Estado de Minas dispensa uma das bandeiras ideológicas mais caras a seus antigos donos - o anticomunismo -, para ter uma figura que conseguia atenção própria nas páginas do jornal, pensando no impacto positivo na venda dos impressos.

Enquanto isso, Drummond, que fazia comícios relâmpagos, queria transformar a Serra do Curral de Belo Horizonte em uma Serra Maestra<sup>8</sup>, como tinha feito Che Guevara em Cuba, abre mão de suas radicais opiniões da juventude, para conseguir continuar trabalhando e escrevendo, opinando de forma mais moderada e sem atacar diretamente os governantes brasileiros, como veremos nas crônicas analisadas.

## **2 A IMPRENSA E O JORNAL ESTADO DE MINAS NA POLÍTICA**

A participação da imprensa durante a ditadura brasileira nos ajuda a entender de que forma os discursos políticos eram representados, e quais eram as ideias daqueles que comandavam essas grandes empresas, e que a partir de suas narrativas, escolhas editoriais, elementos gráficos e linguísticos, “revelam a postura política do veículo”<sup>9</sup>. Barbosa (2004) aponta os jornalistas como “senhores da memória” de determinada sociedade, já que fazem recortes da realidade para suas publicações, construindo o presente de maneira seletiva, ao escolher ou não acontecimentos para serem reportados, fato que observaremos no Estado de Minas

O principal jornal mineiro do período, o Estado de Minas, foi fundado em março de 1928 por Juscelino Barbosa, Álvaro Mendes Pimentel e Pedro Aleixo - os últimos dois membros do então Conselho Deliberativo da Capital -, e após um ano com dificuldades financeiras foi comprado, em 1929, por Francisco de Assis Chateaubriand, sócio majoritário do

<sup>7</sup> Entrevista TV Horizonte, 1999. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=WhAi\\_z0f7qg&t=157s](https://www.youtube.com/watch?v=WhAi_z0f7qg&t=157s)

<sup>8</sup> Ibidem

<sup>9</sup> FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social: A história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.



recém formado Diários Associados, que já possuía em sua formação dois jornais no Rio de Janeiro, um em São Paulo e um em Porto Alegre.<sup>10</sup>

Desde sua fundação com aspirações políticas, o Estado de Minas tentou se apresentar como “apolítico”, “acima de posições partidárias e questões pessoais” (França, 1998), como é visto no primeiro editorial do veículo: (...) “o jornal não pode ser partidário, nem mesmo político no sentido usual dessa palavra entre nós, pois que política é sinônimo de personalismo, e não de ideias.”<sup>11</sup>. O jornal, criado por políticos, opositores do então prefeito da capital mineira, não conseguiu adotar a independência política propagandeada – que surpresa - em seu primeiro editorial, influenciando – em muitos casos diretamente – a política mineira e nacional.

Por meio de “manobras estratégicas feitas de alianças e divórcios, atendendo, em última instância, seus próprios interesses” (França, 1998), o jornal conseguiu se tornar o mais importante veículo de publicidade de Minas Gerais na imprensa escrita, onde a competição não era tão dura, visto a fraqueza desse mercado no estado. Tendo em seu comando até 1962 Assis Chateaubriand – ‘ferrenho anticomunista’ -, o Estado de Minas se envolveu com política desde o final dos anos 20, quando apoiou a candidatura de Getúlio Vargas, ajudando na articulação entre os políticos dos estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Ali, Chateaubriand conseguiu recursos para ampliar seu império de comunicações.<sup>12</sup>

Já vemos aqui a inclinação do jornal, por meio de seus representantes, não só da manifestação e participação política, mas de acordos que favoreciam a própria instituição, afinal de contas “O jornal é uma empresa, que precisa vender o seu produto [...] a um público definido e diferenciado - seus leitores - para obter lucro.” (Barbosa, 1995).

O Estado de Minas se caracterizou por sua sistemática e ostensiva aliança com a posição política, privilegiando candidatos que tinham o apoio do governo com mais espaços nas páginas, silenciando informações sobre candidatos opositoristas<sup>13</sup>. Nesse sentido, mostrando a importância da imprensa para a influência de discursos e imaginário social, não só o que

<sup>10</sup> AMARAL, Laio; RODRIGUES, Hila. **Jornalismo político e enquadramento: uma análise da cobertura da ditadura militar pelo jornal Estado de Minas**. Intercom, XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Ouro Preto – MG, 2012.

<sup>11</sup> FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social: A história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.

<sup>12</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. Verbete biográfico Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo. Fundação Getúlio Vargas, CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-de-assis-chateaubriand-bandeira-de-melo>.

<sup>13</sup> FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social: A história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.



falado ou relatado importa, mas os acontecimentos deixados de lado ajudam a entender a linha política seguida por um editorial jornalístico, ou seja, os silêncios também são importantes nas análises de fontes jornalísticas.

Como exemplo desse pacto com o governo, segundo Antunes (1990, apud França, 1998), o cargo de assessor de imprensa do governador de Minas Gerais cabia quase sempre a jornalistas do Estado de Minas, “com algumas exceções: no governo de Tancredo Neves, quando seu assessor veio do O Estado de S. Paulo, e no governo de Newton Cardoso, o único momento da história do Estado de Minas em que houve ruptura total do jornal com o governo estadual”.

A evidente manifestação política do Estado de Minas não muda anos antes do golpe militar. Durante o ano de 1963, no mês de outubro, foi formada a “Rede da Democracia”, que incluía além dos Diários Associados, outras empresas da área da comunicação, como os grupos Globo e o Jornal do Brasil, estabelecendo “uma poderosa ofensiva de propaganda anticomunista” (Patto, 2000), associada ao então presidente Joao Goulart.

Nesse período, o diretor-geral dos Diários Associados, do qual o Estado de Minas fazia parte, era João Calmon, então deputado federal pelo PSD por Espírito Santo. No Congresso, Calmon se aliou a ala conservadora, promovendo intensa oposição à Goulart, não só nos jornais que controlava, mas também com seus discursos inflamados contra o governo e contra os comunistas<sup>14</sup>, confirmando mais uma vez a confluência do Estado de Minas para a política, dessa vez não só estadual, mas também nacional.

A importância da influência dos Diários Associados aumenta junto com a sua cadeia de jornais, rádios, televisões e revistas em todo o país, que nesse período contava com três jornais no estado do Rio de Janeiro, três em São Paulo, quatro em Minas Gerais, dois no Rio Grande do Sul, dois na Bahia, dois na Paraíba, dois no Rio Grande do Norte, dois em Fortaleza, dois em Santa Catarina e um em Sergipe, Pernambuco, Pará, Maranhão, Manaus, Alagoas, Goiás e Brasília. Além disso, contava com 25 emissoras de rádio no país, 18 emissoras de TV, além de revistas e outras emissoras de notícias.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> SOUZA, Renato João de. **Da Informação à Representação: O Papel do Jornal Escrito Mineiro nos Anos 1963 e 1964**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2012.

<sup>15</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. Verbete biográfico Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo. Fundação Getúlio Vargas, CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-de-assis-chateaubriand-bandeira-de-melo>.



Com a concretização do golpe em 31 de março de 1964, o Estado de Minas traz em suas edições dos dias 1º e 2 de abril<sup>16</sup>, notícias comemorando a participação dos militares “ao lado dos mineiros”, mostrando que a força militar de Minas Gerais entrou em ação para “assegurar a legalidade ameaçada do governador Magalhães Pinto”, então governador do Estado que participou ativamente das tramas do golpe contra o presidente Goulart.

Alerta também que o estado do Paraná teria aderido à “força de defesa da democracia”. Ainda na edição do dia 2 de abril o editorial justifica a derrubada do presidente da república, apontando que o

que os mineiros combatem é o comunismo, que se infiltra no organismo nacional através do apoio ostensivo do presidente da República. Tornou-se o governo do Senhor João Goulart incompatível com a formação cívica dos mineiros, desde que passou a estimular o avanço do totalitarismo vermelho. (Estado de Minas, 02 de abril de 1964)

É importante aqui destacar a real força do Partido Comunista do Brasil, que diferente de outros países, como por exemplo o Chile - que teve na figura de Salvador Allende um verdadeiro marxista na cadeira da presidência -, não conseguia angariar grande número de apoiadores fora das grandes cidades industriais brasileiras, ou seja, o medo dos comunistas pela oposição podia ser real, mas a força deles não era<sup>17</sup>.

Ainda nesse sentido, destaca-se o fundamental papel de parte da imprensa, que atacava diariamente o presidente eleito, ajudando na desmoralização de Goulart, associando-o ao comunismo – principal medo da direita -, somando apoio para a causa oposicionista. Ou seja, a máquina de (des)informação de Assis Chateaubriand com João Calmon no comando estava a todo vapor apoiando os militares, não só numa tentativa de apoio político e financeiro, mas pela própria posição de Chateaubriand, que tinha horror aos comunistas.

Outro exemplo emblemático do jornal atuando para interesses próprios pode ser visto no ano de 1969. Após o afastamento do segundo ditador do regime, Costa e Silva, por um AVC, a constituição determinava que seu vice assumisse. No caso, o vice-presidente da república era um civil, Pedro Aleixo, um dos criadores e ex-presidente do Estado de Minas – mais uma vez mostrando a ligação entre o jornal e a política nacional, mais especificamente com a ditadura.

<sup>16</sup> As capas do jornal Estado de Minas dos 2 dias após o golpe em 1964 foram gentilmente cedidas pela professora doutora Hila Rodrigues.

<sup>17</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: O anticomunismo no Brasil**. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.



Aleixo foi impedido de tomar posse, assumindo em seu lugar a chamada Junta Provisória, até a eleição, pelo congresso, de Emílio Garrastazu Médici. Nesse acontecimento, de acordo com Flores (1998)

O Estado de Minas apenas “noticia” o fato, silenciando sobre suas implicações. Em nome dos “interesses dos mineiros”, ele passa a defender os seus interesses, selecionando para publicar apenas os fatos que não colidam com esses interesses. (FLORES, 1998, p. 110)

Até aqui analisamos como o jornal Estado de Minas se alia politicamente com a situação, com aqueles que estão no governo quando consegue tirar proveito do contexto, e com a oposição, inclusive insuflando um golpe de Estado, para acabar com a “erva daninha da infiltração vermelha”<sup>18</sup>, um dos nomes pejorativos dado ao comunismo pelos editores do jornal, que estaria tomando poder no país, fato que nunca esteve perto de acontecer. Veremos agora o caso específico de Roberto Drummond, e como o jornal recua em suas posições políticas para ter ao seu lado um dos maiores cronistas mineiros.

### 3 “O ELEMENTO COMUNISTA” ROBERTO DRUMMOND

Roberto Drummond nasceu no ano de 1933 – e sempre escondeu a idade, “como se isso lhe desse alguma garantia de enganar o tempo”<sup>19</sup> – na cidade de Santana dos Ferros, no Vale do Rio Doce. Morou durante a infância na cidade de Guanhães, Araxá e Conceição do Mato Dentro. Ainda com 13 anos já “escrevinhava” alguns contos, sendo influenciado por radionovelas do período e por revistas como “O Cruzeiro” e “A Cigarra”<sup>20</sup>, mas foi em Belo Horizonte que iniciou sua carreira como jornalista.

Na capital mineira, com acesso a mais autores, tomou conhecimento de Jorge Amado – que tinha sido deputado federal pelo partido comunista na década de 40 -, sendo influenciado – “catequizado”<sup>21</sup> - por esse, se transformando

radicalmente de um garoto conservador do interior de Minas, num radical esquerdista que queria fazer a revolução. Mais tarde (...) a gente queria fazer uma guerrilha em Belo Horizonte, transformar a Serra do Curral numa Serra Maestra como Fidel Castro. (TV Horizonte, 1999)

<sup>18</sup> Estado de Minas, 02 de abril de 1964.

<sup>19</sup> DRUMMOND, Roberto. Seleção e Prefácio: Carlos Herculano Lopes. **Coleção melhores crônicas**. São Paulo: Global, 2005. Coleção melhores crônicas: Roberto Drummond

<sup>20</sup> Entrevista TV Horizonte, 1999. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=WhAi\\_z0f7qg&t=157s](https://www.youtube.com/watch?v=WhAi_z0f7qg&t=157s)

<sup>21</sup> DRUMMOND, Roberto. Seleção e Prefácio: Carlos Herculano Lopes. **Coleção melhores crônicas**. São Paulo: Global, 2005. Recordações de um mestre muito amado



Começou a fazer parte de movimentos estudantis, participando de greves de secundaristas. A carreira de Drummond no jornalismo começa aí. Na tentativa de noticiar as greves, é convidado pelo jornalista Felipe Drummond a escrever na extinta “Folha de Minas”, no início da década de 1950. Lá escrevia a coluna “Vida Estudantil”. Na juventude realizava também, junto com outros camaradas, “comício-relâmpago contra o governo” nos bondes que iam da rua dos caetés para o Horto, e entrou “a fundo no negócio de jornalismo e de revolução. Tomar o poder como Fidel Castro tomou lá em Cuba e jornalismo.”<sup>22</sup>

Passou a trabalhar no Binômio, que tinha como nome completo “Binômio: Sombra e Água Fresca”, já mostrando a que vinha, zombando do programa de governo “Binômio: Energia e Transporte”, do então governador do estado de Minas Gerais, Juscelino Kubistchek. Era considerado um dos principais tabloides da imprensa alternativa mineira e brasileira, e contava com outros nomes conhecidos, como Ziraldo e Fernando Gabeira.

Passou também pela revista Alterosa, onde convidou um certo Henrique de Souza Filho, o qual apelidou de Henfil. Na década de 1960 foi trabalhar no Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro, não se adaptou. Dizia que Belo Horizonte era seu mundo, “é como um pé-de-moleque que só a avó da gente faz.”, era apaixonado pela cidade, voltou.

Eu era, trabalhando no Jornal Do Brasil, um dos cinco maiores salários da imprensa brasileira. Voltei a Belo Horizonte e fiquei 11 meses e 17 dias desempregado. (...) Mesmo desempregado, no entanto, eu me sentia mais feliz em Belo Horizonte do que ganhando uma fortuna no Rio de Janeiro. (TV Horizonte, 1999)<sup>23</sup>

Drummond, mesmo ligado ao “PC, o partidão, (...) como militante”, segundo o qual a ficha no DOPS dizia “Elemento nocivo, de alta periculosidade, que deseja instaurar no Brasil um regime nos moldes da União Soviética, segundo ordens de Moscou”<sup>24</sup>, sem conseguir emprego por mais de 11 meses, “marcado como subversivo (...). Tinha gente que me via na rua e pulava para o outro lado, só pra não me cumprimentar”, foi convidado por Cyro Siqueira para ser cronista de futebol, nesse mesmo jornal analisado aqui, conservador, da elite mineira e brasileira, e que deu suporte aos militares no golpe de 1964 e que segundo Rodrigues e Amaral (2012), só começou a abrandar sua cobertura em relação aos ditadores e à ditadura no início da década de 1980, “quando já se notavam os sinais da reabertura política iniciada pelo governo Geisel”.

<sup>22</sup> Entrevista TV Horizonte, 1999. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=WhAi\\_z0f7qg&t=157s](https://www.youtube.com/watch?v=WhAi_z0f7qg&t=157s)

<sup>23</sup> DRUMMOND, Roberto. Seleção e Prefácio: Carlos Herculano Lopes. **Coleção melhores crônicas**. São Paulo: Global, 2005. Declaração de Amor

<sup>24</sup> *Ibidem*. A greve que articulei na fazenda de meu pai





Acredito que Drummond usava desse importante espaço esportivo - talvez menos censurado por não abordar a política institucional diretamente? - para fazer oposição ao regime ditatorial, porque no período do convite ele “não podia escrever sobre mais nada, eu era marcado como subversivo”. Mesmo assim, se manteve no Estado de Minas escrevendo suas crônicas de 1966 a 1991, ou seja, quase todo o período da ditadura.

Nas poucas crônicas encontradas até aqui, é possível perceber tratamento diferente em relação ao governo daquele já visto aqui nas capas do jornal. Em suas crônicas esportivas, diferente dos colegas, Drummond não falava apenas das partidas, dos lances e gols, mas buscava conectar com a realidade política, principalmente da Confederação Brasileira de Desportes.

Num caso emblemático, a participação de Reinado, o craque atleticano, na Copa do Mundo de 1978 na Argentina, Drummond abre mão de todo o lirismo característico de seus textos e ataca abertamente o presidente da CBD, mostrando que já se sabia, na época, da influência política no futebol brasileiro.

Reinado, no dia 6 de março de 1978, deu uma entrevista ao jornal de oposição “Movimento”, deixando claro seu desgosto pela ditadura, dizendo que “o povo brasileiro está preparado ‘como sempre estava’ para votar”, complementando que

Eles fizeram o povo se afastar da política, mas é claro que o povo tem maturidade para votar. Isso já foi demonstrado diversas vezes no passado e não é possível que quem já votou uma vez vá ficar imaturo depois de velho. Está na hora de aproximar todo mundo das decisões políticas. O povo tem sua opinião e essa opinião deve ser respeitada (*Movimento*, 6 de março de 1978)<sup>25</sup>

Reinaldo seria substituído por Roberto Dinamite para o último jogo da fase de grupos da competição, contra a Áustria, de acordo com o técnico por não estar jogando bem. Mas Drummond aponta que o pensamento do atacante contra a Ditadura foi forte argumento para a troca, somado ao seu gesto clássico de punho cerrado feito no primeiro jogo da competição, contra a Suécia. Segundo o cronista

o clima da seleção brasileira é massacrante para certos jogadores, porque é um clima de medo, de ameaças, de jogadores sendo vigiados, censurados, etc. Alguns jogadores estão proibidos de fazer referência à situação argentina (o que a maioria dos jogadores de seleções que já se classificaram tem feito) e sabem que sempre há alguém espiando para ver o que falam. (Estado de Minas, 11 de junho de 1978)

Completando ainda que se Dinamite fizesse os gols que Reinaldo não vinha fazendo, o então presidente da CBD, Almirante Heleno Nunes, “terá resolvido dois problemas que doem

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/interior/2019/03/31>



nos homens que controlam o futebol brasileiro: terá matado a fome de gols, que salvarão a seleção canarinha do Brasil, e terá afastado do comando do ataque uma estrela inconveniente para os senhores da CBD, como é Reinaldo.”

Drummond aponta também que “para os que tem o mesmo pensamento do Almirante Heleno Nunes”, se referindo aí aos próprios ditadores e seus apoiadores, o “jeito de ser de Reinaldo é um grande pecado”, que teria defeitos “certamente muito mais danosos do que escorregar no gramado de Mar del Plata: é que Reinaldo pensa e, além de pensar, tem a ousadia de dizer o que pensa”, fazendo então com que os controladores do futebol brasileiro se assustem.

Depois, o autor se volta contra seus colegas cronistas esportivos, dizendo que esses também se assustam pelas falas e gestos do jogador, ficando com “medo do espantinho Reinaldo”. Isso é visto em um texto vizinho ao seu, do mesmo dia 11 de junho de 1978. Hélio Fraga, outro colunista do Estado de Minas se abstém da discussão política por traz da mudança, escrevendo que “Não adianta, aqui, hoje, discutir porque Reinaldo está entrando, e porque Reinaldo saiu”, fazendo rápida avaliação do mediano desempenho do atacante dentro de campo.

Em outra crônica sobre o assunto, pouco tempo depois da entrevista de Reinaldo ao jornal Movimento, Drummond usa da repetição e da subjetividade para tentar convencer o leitor. Trazendo para debate a fala do jogador, o autor aponta que não é mais possível para o Almirante, nem para a comissão técnica, nem mesmo para aqueles que a pressionam, tirar o atacante da seleção, que de fato foi à Copa do Mundo, porque estariam “criando um mártir e entregando a esse mártir uma bandeira de imenso poder (...)” colocando também que foi exatamente a entrevista ao meio de oposição “defendendo a anistia, eleições diretas, etc., que salvou a cabeça de Reinaldo”.

Colocando mais uma vez diretamente a questão política, Drummond, por meio de mais uma pergunta, indaga o leitor, “E se eu disser a vocês que os líderes do partido do Almirante Heleno Nunes chegaram à conclusão de que, se Reinaldo for dispensado, a esta altura, se transformará na grande bandeira do partido da oposição em todo Brasil?”.

Nesse ponto vemos a característica que talvez mais distingue a Ditadura brasileira das restantes do cone sul, a preocupação com a eleições legislativas<sup>26</sup> (as eleições para senadores e prefeitos – menos das capitais – foram reestabelecidas em 1972). Diferentemente de países

<sup>26</sup> Mariana Joffily. *Prá frente Brasil: a utopia autoritária em ação*. 2020

como o Chile, Argentina ou Uruguai, o congresso brasileiro permaneceu funcionando – com apenas dois partidos e uma oposição consentida - durante a Ditadura, sendo fechado apenas em três momentos, em outubro de 1966, em dezembro de 1968 e em abril de 1977, para aprovação do chamado “pacote de abril”, para diminuir - encerrar -, as chances de maioria da oposição no senado nacional, como ocorreu em 1974. (O funcionamento do congresso teve, obviamente, regras que tornavam a oposição muito fraca, principalmente com o bipartidarismo, e também com medidas arbitrárias que podiam impor decisões, como o caso do pacote citado.).<sup>27</sup>

Mesmo assim, o partido dos ditadores brasileiros precisava ganhar as eleições, preocupação que não existia em outros países. Assim, políticos da ARENA, apesar de sustentados pelo autoritarismo, tinham de voltar suas atenções para conquistar o voto popular, o que obrigava maior negociação.

Como aponta Pato (2018), essa contradição na política brasileira, exemplificada com uma ditadura com eleições - para cargos do legislativo -, pode indicar a força de uma “característica central da cultura brasileira”, a conciliação/acomodação. A conciliação, criada como uma “estratégia de natureza ideológica” por “grupos dirigentes”, que buscam por meio de acordos a manutenção da ordem e da estabilidade política, contra “propostas de mudanças radicais”, mantendo assim “setores populares excluídos da disputa pelo poder”, passa de ideologia para parte da cultura política brasileira, sendo incorporada, por meio claro de transformações, adaptações e reformulações, pelas pessoas na vida cotidiana, como no caso da relação Roberto Drummond e o jornal Estado de Minas.

Claro, a conciliação/acomodação acontece juntamente com o uso da violência, como no período em que a escravidão esteve vigente no Brasil, durante a independência, e outros momentos em que os chamados setores populares se revoltaram, tendo o Estado agindo com força e brutalidade para manutenção do status quo. Na ditadura vemos também o uso da violência, para conter as oposições que não se manifestavam somente via MDB, de forma não institucional.

#### **4 CONCLUSÃO**

Assim, a acomodação amplia faria parte dos acordos não só das elites políticas, mas também com “arranjos em outros espaços sociais e institucionais, com envolvimento de outros

---

<sup>27</sup> Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/143270-anos-60-e-70-ditadura-e-bipartidarismo/>



atores, como intelectuais, acadêmicos e produtores culturais (...)", como é o caso da relação de Roberto Drummond com o jornal Estado de Minas.

Há, claro, possibilidade de existir "uma pluralidade de culturas políticas"<sup>28</sup> no interior das nações, como vimos no início da vida adulta de Drummond, que fazia para o Partido Comunista, buscando justamente se desvencilhar da hegemônica cultura política brasileira. Mas, quando entra para o Estado de Minas, estando sem emprego já há 11 meses, o cronista passa a contribuir e pertencer à cultura política mais forte do Brasil, se acomodando e adaptando suas opiniões, que apesar de fortes e muito diferentes dos colegas, não pretende mais buscar qualquer tipo de ruptura institucional, ou atacar diretamente os "controladores do futebol brasileiro".

Assim, vemos a cultura política entranhada nas instituições e no próprio Drummond, ambas as partes abrindo mão de determinadas convicções - anticomunismo ferrenho e ferrenho comunista - buscando uma solução que seja benéfica para os dois lados. Com maiores benefícios para o Estado de Minas, que tinha agora um quadro de oposição à Ditadura dentro de sua folha de pagamento, num possível "controle" – em uma ideia de "meus comunistas cuido eu" -, ou mesmo autocensura em seus textos.

Assim como aponta Patto (2018) a intenção aqui também não é desmerecer ou recusar a possibilidade de enxergar os textos de Drummond como oposicionistas – ou mesmo de resistência à ditadura – como eram de fato, mas "evitar o exagero oposto, o superdimensionamento da história das mobilizações políticas populares, uma forma de idealização que serve para embalar sonhos e utopias generosas, mas turva o entendimento e a ação".

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Laio; RODRIGUES, Hila. **Jornalismo político e enquadramento: uma análise da cobertura da ditadura militar pelo jornal Estado de Minas**. Intercom, XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Ouro Preto – MG, 2012.

BARBOSA, Marialva C. **Senhores da Memória**. In: Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, vol. XVIII, nº2, p. 84 – 101, jul./dez. 1995.

---

<sup>28</sup> BERNSTEIN, Serge. **A cultura política**. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Direção). Para uma História Cultural. 1ª Edição, Lisboa, Editorial Estampa, 1998.



\_\_\_\_\_. **Jornalistas, senhores da memória?**. In: XXVII Congresso da Intercom, 2004, Porto Alegre. CD Rom do XXVII Congresso da Intercom. Porto Alegre: PUC-RS e Intercom, 2004.

BERNSTEIN, Serge. **A cultura política**. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Direção) Para uma História Cultural. 1ª Edição, Lisboa, Editorial Estampa, 1998.

DRUMMOND, Roberto. Seleção e Prefácio: Carlos Herculano Lopes. **Coleção melhores crônicas**. São Paulo: Global, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Verbetes biográfico Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo**. Fundação Getúlio Vargas, CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-de-assis-chateaubriand-bandeira-de-melo>>. Acesso em: 30/09/2020.

FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social: A história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.

MARQUES, João Vitor; MATTAR, Tiago. **As históricas entrevistas de Reinaldo e Tostão que 'desafiaram' a ditadura militar no Brasil**. UAI, Belo Horizonte, 31 de março de 2019. Disponível em:

<[https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/interior/2019/03/31/noticia\\_interior,575691/historicas-entrevistas-de-reinaldo-e-tostao-que-desafiaram-a-ditadura.shtml](https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/interior/2019/03/31/noticia_interior,575691/historicas-entrevistas-de-reinaldo-e-tostao-que-desafiaram-a-ditadura.shtml)>.

Acesso em: 24/09/2020.

LIS, Laís. **Governo Bolsonaro mais que dobra número de militares em cargos civis**. G1. Brasília, 17 de setembro de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/07/17/governo-bolsonaro-tem-6157-militares-em-cargos-civis-diz-tcu.ghtml>>. Acesso em: 20/09/2020.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: O anticomunismo no Brasil**. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. **Cultura política e ditadura: um debate teórico e historiográfico**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v.10, n.23, p.109-137, jan./mar. 2018.

ROEDEL, Patrícia. **Anos 60 e 70: ditadura e bipartidarismo**. Agência Câmara de Notícias, Câmara dos Deputados, Brasília, 30 de setembro de 2014. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/143270-anos-60-e-70-ditadura-e-bipartidarismo/>>. Acesso em: 20/09/2020.

ROMERO, Luis Alberto. **Breve historia contemporánea de la argentina**. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; Starling, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SOUZA, Renato João de. **Da Informação à Representação: O Papel do Jornal Escrito Mineiro nos Anos 1963 e 1964**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2012.



**FONTES**

DRUMMOND, Roberto. **Bola na marca**. Estado de Minas, Belo Horizonte, 11 de junho de 1978.

DRUMMOND, Roberto. **Bola na marca**. Estado de Minas, Belo Horizonte, 07 de março de 1978.

**Estado de Minas**, Belo Horizonte, 01 de março de 1964.

**Estado de Minas**, Belo Horizonte, 02 de março de 1964.